

Memórias médicas sobre as águas termais brasileiras e europeias entre 1902 e 1950: relatos de viagem e apropriação do meio natural

Jussara Marques Oliveira Marrichi

Universidade Estadual de Campinas

Campinas – São Paulo – Brasil

jussara@marrichi.com.br

Resumo: A água termal e sulfurosa, conhecida popularmente como água medicinal, investigada e estudada a partir do ponto de vista historiográfico no Brasil é tema muito recente. Entretanto, na área médica seus estudos remontam desde meados do século XIX e primeiras décadas do século XX. A proposta desse artigo é apresentar a relação histórica estabelecida entre natureza, trabalho e memória nos espaços de sociabilidade que foram construídos e reformulados para a emergência de uma classe burguesa no Brasil nas primeiras décadas do século passado. Sendo assim, dessa relação de proximidade do meio natural ajustado às inovações urbanísticas e arquitetônicas das cidades termais, seleciono para apresentação algumas memórias de médicos que estiveram envolvidos no processo de ajustamento do meio natural ao propósito de construção de cidades balneárias no Brasil até os anos de 1950. Particularmente, a apresentação será voltada para o diário do Dr. Pedro Sanches de Lemos escrito em 1902 e na primeira publicação da Comissão Permanente de Crenologia, órgão vinculado ao Departamento Nacional de Produção Mineral, em 1950. Dos relatos analisados pretendo apresentar mudanças, permanências e interseções nessa relação construída historicamente a partir do contato do homem com esse tipo específico de água considerada medicinal.

Palavras-chave: Água termal e sulfurosa – notas de viagem – memória médica

Quando no dia 8 de julho, às 06h10min da tarde, tomei em Toulouse o trem que me devia levar a Luchon, onde estaria às 10 horas e meia da noite, senti a mais profunda emoção: ia realizar sonho dourado de toda a minha vida, que era ver a Rainha dos Pirineus, estudá-la nas suas mínimas particularidades, conhecer o que era uma estância balnear sulfurosa, resolver, finalmente, todas as questões que se prendiam ao beneficiamento de Poços de Caldas, esse recanto abençoado do Estado de

Minas Gerais, ao qual tinha consagrado todos os parcos recursos do meu intelecto e todas as energias do meu espírito! Sobravam-me, portanto, motivos para que sentimentos diversos me trabalhassem o espírito no momento da partida e durante a viagem. Mas quando saltei na gare, me meti num carro e comecei a percorrer a Avenida d'Etigny, envolvido no perfume das flores de tília, em demanda do Hotel Continental, a emoção embargou-me a voz, e os olhos se arrasaram de lágrimas.

Ah! – Eu estava em Bagnères-de-Luchon! (LEMOS, 1902, p. 188)

Quando em 1902 o médico Pedro Sanches de Lemos desembarcou no velho continente munido do desejo de conhecer e estudar algumas das mais afamadas estâncias hidrominerais da Europa, Poços de Caldas não passava de uma pequena cidade que frequentemente se via atolada, (literalmente!) nos caminhos recortados por inúmeras poças d'água e pelo ribeirão das Caldas. O largo central, local da descoberta das fontes de águas quentes em 1786, há alguns anos já recebia grupos de banhistas e doentes com seus corpos cobertos de úlceras na esperança e promessa de que aquelas águas curavam. À beira das fontes de águas denominadas sulfurosas via-se no início dos anos de 1900 homens e mulheres que ocupavam o núcleo inicial da cidade, constantemente inundado por diversas enchentes na época das estações das águas em nosso país. Ainda que suas casas seguissem o modelo colonial predominante na arquitetura brasileira até meados do século XIX, alinhadas uma a uma com suas dezenas de janelas e suas cores brancas pintadas à cal, podia-se observar também nessa paisagem do interior mineiro, alguns belos chalés de estilo europeu introduzidos por famílias abastadas e também por condes e barões imperiais que para lá se dirigiam no intuito de veranejar no final do século XIX. O estilo neoclássico dessas construções havia chegado junto com o ramal da Mogyana inaugurada em 1886 pelo imperador Dom Pedro II, e o balneário Pedro Botelho e o consultório do doutor Pedro Sanches de Lemos já se embelezavam desse estilo arquitetônico que ornamentava o planalto caldense. Mas ainda que houvesse muita lama, pó e carros de bois que cruzassem o largo central onde se encontrava também um modesto hotel e algumas casas de jogos, Poços de Caldas em 1902, ainda ensaiava os seus primeiros passos rumo à construção de uma cidade termal no Brasil. O médico, que iniciou seus estudos em 1867 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, ficou conhecido como o “doutor das águas” nas primeiras décadas do século XX, fama conquistada pela sua grande

divulgação das águas sulfurosas de Poços de Caldas a partir de suas três principais obras. Após a defesa de sua tese sobre epilepsia “na augusta presença de Sua Majestade, o Imperador” (LOBO, 1947, p. 07), Pedro Sanches mudou-se para os campos alagados das caldas sulfurosas no ano de 1873. De certo ali chegara porque era preciso dar início ao seu ofício de clinicar, mas o fato de seus pais terem se mudado para a cidade vizinha de Caldas levou o neto materno do rico barão do Rio Verde a escolher aquelas terras para morar. Admirado com o fluxo constante de pessoas que chegavam às fontes de águas quentes e com a cura de determinadas moléstias, o médico se pôs a estudar a ação química dessas águas no organismo humano. Para ele a presença do gás hidrogênio sulfureado, a termalidade da água e a alcalinidade do banho, nada valeriam “se não fosse a abundância das fontes que podem prestar-se a todos os processos balneoterápicos, aumentando o seu valor terapêutico” (LEMOS, 1904, p. 47). Sua proposta era clara: era preciso revestir aquelas águas não só de ciência, mas também de engenharia à semelhança de Bagnères de Luchon, “que pode fornecer aos doentes banhos, duchas gerais e locais, piscina de natação, pequenas piscinas, estufas, inalação por um tubo de vapores da água e pulverização” (LEMOS, 1904, p. 47).

Em 1884, ano de publicação do seu primeiro livro *As águas thermaes de Caldas – Província de Minas Geraes*, o médico afirmava que o conhecimento popular sobre a eficácia das águas medicinais de Poços de Caldas, já era anterior ao ano de 1815, quando diversos doentes procuravam as fontes de águas quentes como remédio natural ou como cura sobrenatural. Seus primeiros estudos já constataavam que “as nossas águas reúnem todas estas especialidades: curam-se aqui as bronquites como em Cauteterests e Eaux Bonnes, as moléstias da pele e as úlceras como em Baréges, os reumatismos como em Luchon e as moléstias do útero como em Saint-Sauver”. (LEMOS, 1884, p. 52)

No entanto, Pedro Sanches não era o único médico que se valia do uso das águas termais para o tratamento de doenças, numa época em que no Brasil “as mais variadas práticas de cura conviviam lado a lado com a medicina oficial do Império, aquela que se julgava a medicina científica” (SAMPALIO, 2001, p. 21). O médico fazia parte de um pequeno grupo composto por outros dez médicos que estudavam e acreditavam nos valores curativos de águas consideradas medicinais entre os anos de 1839 a 1915, data de sua morte.

Se por um lado a notícia sobre as “interessantíssimas caldas”, (...) “numa breve noticia destas miraculosas agoas dada pelo Senhor Padre Valério, de S. Paulo, por onde se podia fazer huma idea clara das suas preciosas virtudes medicas”, publicada na Revista Médica Fluminense (1835-1841) tinha a intenção de trazer ao público leigo o assunto em questão, por outro, dizia respeito à uma tentativa de organização e legitimação do saber médico científico nas diferentes práticas da arte de curar no país neste período. E o discurso da cura pelas águas aparecia como parte do trabalho encomendado pelo governo da província de Goiás ao italiano Vicente Moretti Foggia no intuito de analisar e examinar quimicamente as propriedades medicamentosas das caldas de Santa Cruz, que compreendiam as nascentes de águas termais dos lugares denominados Caldas Novas, Caldas da Pirapitinga e Caldas Velhas. Ainda que essa notícia não se referisse às águas de Poços de Caldas, foi em 1839 que se publicou uma notícia científica e oficial a respeito das águas que curavam no interior do nosso país. Relatos de curas advindas das águas santas ou milagrosas desde muito povoavam o imaginário popular que através da credulidade iam se acomodando nos arredores de ribeirões onde se achavam o remédio natural.

Com este trabalho inicia-se a tessitura de uma narrativa responsável por abolir das águas medicinais o seu poder milagroso e sobrenatural, pelo menos até o início do século XX. Químicos e médicos eram convidados a explorarem os locais. Deles, deveriam arrancar das fontes, os seus mistérios mais secretos que seriam posteriormente transmutados em linguagem científica. *Acetato de chumbo*, *amônia líquida*, *ácido arsênico*, *ácido clorídrico*, enfim, eram essas as virtudes ocultas das fontes. Os altares e símbolos desde muito dedicados às deusas e às ninfas iam perdendo parte de seu encanto.

Na verdade, no início do século passado no Brasil, Poços de Caldas não era a única vila ou cidade que se ocupava de suas águas consideradas medicinais para atrair grupos de banhistas ou curistas em seu território. Caxambu já havia conquistado fama em meados do século XIX, principalmente a partir de 1868 quando a figura da princesa D. Isabel hospedara-se na cidade ansiosa por “perpetuar a dinastia dos Braganças” (MONAT, 1894, p.2). Mas o fato é que os estudos científicos que se propagavam nas revistas e periódicos médicos, bem como nas poucas teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tinham a clara intenção de demonstrar

aos outros homens da ciência e ao governo imperial como cidades como *Caldas da Rainha, Gerez, Vichy, Spa e Forges* estão enriquecendo, tornando-se prósperas e acima de tudo, civilizando-se através dos “milhares d’estrangeiros que, anualmente afluindo, dão incremento ao seo commercio interior, as acanhadas côrtes de seos Príncipes e põem em circulação seos capitães desta arte prodigiosamente augmentados”(CASTRO, 1841, p. 7). Há de se dizer que o discurso civilizatório dessas águas era desde a primeira metade do século XIX declarado, mas é na figura do médico Pedro Sanches de Lemos que os embates produzidos no interior desse diálogo alcançam resultados significativos quanto à construção de uma cidade termal moderna no Brasil. Médico de prestígio desde a chegada do imperador Dom Pedro II a Poços de Caldas no final do século XIX, o médico propagador de mudanças bruscas na região alagada das águas quentes contava também com grandes amizades, dentre elas Coelho Netto, Olavo Bilac, Rui Barbosa, Campos Salles e Rodrigues Alves. É pelas palavras de Coelho Netto que o doutor Pedro Sanches de Lemos aparece mal disfarçado na figura do doutor Lino em seu romance intitulado *Água de Juventa*, escrito em 1904 e publicado posteriormente em 1925:

Quando os banhistas que, de manhan, gosavam o sol à porta do hotel da Empresa, o viam vir pelo largo, encapotado, cabisbaixo, no seu passinho miúdo e sereno, alludindo ao seu perfil, que lembrava o do grande imperador, diziam com malícia: “Ahi vem Napoleão estudando o seu campo de batalha”.

Às sete horas já elle estava no consultório a examinar doentes, desnudando braços flácidos, magras espáduas, nádegas, sempre preconizando o tratamento pelas injeções hypodermicas, único efficaaz na syphilis.

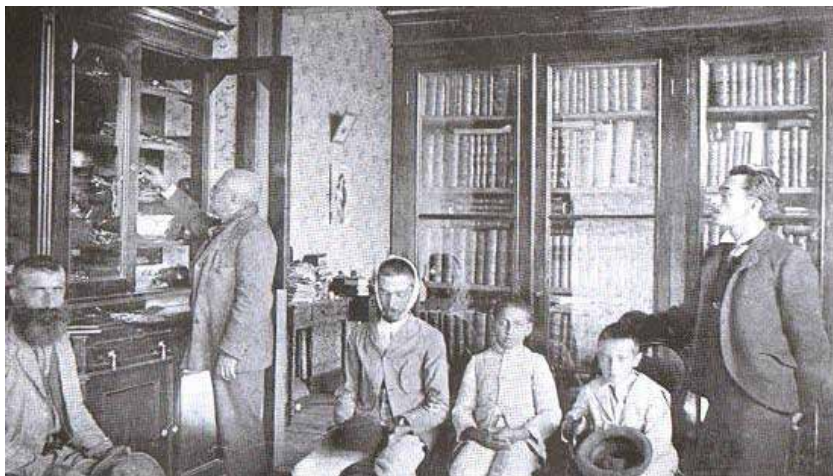
– Olhe, meu amigo, dizia, apertando os olhinhos malicioso, com a seringa entre os dedos – o baptismo devia ser uma boa injeccão de mercúrio. Para a mancha original sempre seria de mais effeito do que a água das pias. Deixe lá falar.

E, estendendo o braço, mostrava os armários atochados de livros, citava autores, capítulos celebres e emitia conceitos occulistas sobre o Homem e sua misera condição.

– Nós estamos no planeta para o soffrimento, e só – os gosos são raros, não contam.

Falava de cabeça baixa, sorrindo mysteriosamente, e lá ia desinfectar a agulha, voltava á sala a chamar outro cliente, e desaparecia no gabinete. Um gemido surdo accusava a agulhada, mas o doutor animava, heróico e consolador:

– Que é isto comparado às grandes dores que o senhor tem sofrido?
Prompto. Vá. Está melhor. (NETTO, 1925, p. 14-15)



Dr. Pedro Sanches de Lemos (1846-1915) à esquerda, em pé, no seu consultório por volta de 1901. In: LEMOS, Pedro Sanches de. *As águas thermaes de Poços de Caldas*, 1904.

Assim, casado com a filha primogênita do coronel Agostinho José da Costa Junqueira,¹ sesmeiro das terras onde se descobriram as fontes de águas sulfurosas, era ele quem recebia devidamente estes personagens ilustres que iam a Poços de Caldas para conhecer as virtudes das águas de que tanto falava o médico em suas correspondências aos jornais da capital. Do gabinete de seu consultório redigia constantes notícias acerca do suposto *vale milagroso* de onde indicava o tratamento pelos banhos quentes para as bronquites, as moléstias de pele, as úlceras, os reumatismos e as moléstias do útero; além dos suadouros e dos *banhos de demora*² e do imprescindível “esquecimento dos cuidados triste” (LEMOS, 1904, p. 49) como condição de bom sucesso na cura pelas águas

1. De acordo com Stelio Marras, “a união entre o homem rural e o homem do saber respondia, em boa medida, aos ditames do progresso e da modernidade brasileira que então experimentavam arranque inédito, como expresso na intensa troca de café por bens da indústria inglesa, que também ecoou nos poços de caldas do fim do século.” Cf: MARRAS, Stelio. *A propósito de águas virtuosas – Formação e ocorrências de uma estação balneária no Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 2004, p. 55

2. Banhos de imersão nas águas sulfurosas com tempo determinado. Variavam de 15 a 20 minutos.

medicinais. Era desse gabinete que o médico esperava para um futuro próximo “todos os processos da balneoterapia moderna” (LE MOS, 1904, 54) para os poços de caldas.

O ano de 1902 parecia então ser decisivo para o médico propagador das virtudes curativas dessas águas. Iria realizar o seu grande sonho. Suas notícias acerca das águas milagrosas tinham rendido efeito, e recomendado por Campos Salles e Rodrigues Alves à Legação Brasileira de Paris, Pedro Sanches de Lemos, após vinte e nove anos de estudos e aplicações das águas termais, enfim desembarcaria no velho continente. Sua excursão científica através das estâncias balneárias europeias, principalmente nas estâncias francesas tinha por objetivo visitar os seus centros hidrológicos, conhecer os tratamentos médicos a partir das águas minerais, averiguar os novos equipamentos de captação e distribuição da água e principalmente trazer para o Brasil o que havia de mais moderno e civilizado a respeito da vida social das cidades termais europeias. Há tempos o médico já vinha aplicando os ensinamentos preconizados pelos manuais franceses de hidrologia médica publicados pela Academia de Medicina de Paris. Já havia também importado os quarenta e quatro volumes que compunham os *Annales d'Hydrologie* em 1900³ que relatavam desde o progressivo pensamento das noções que reuniram, compararam e discutiram o estudo sobre o início da Hidrologia Médica na França, e a maneira como esse saber constituiu-se em ciência entre a segunda metade do século XIX e começo do século XX. Pedro Sanches estava realmente preparado para a sua missão patriótica. Deveria trazer dali todas as vivências necessárias para a construção da futura cidade termal no Brasil. E o seu estabelecimento em Poços de Caldas ajuda a entender porque a cidade acabou sendo beneficiada em detrimento de outras que também contavam com o mesmo tipo de fontes consideradas medicinais. Se a aplicação da hidrologia médica era considerada prática recente em nosso país, o que dizer então do ensino prático de hidrologia na França que havia sido instituído apenas em 1900 pela *Oeuvre des Voyages d'études aux Eaux Minérales*, sob a proteção dos professores da Escola de Paris? O médico brasileiro que no interior do seu gabinete de trabalho observava imagens das cidades termais europeias com os seus

3. Referentes ao XIII Congrès International de Médecine. *Stations Hydro-Minérales. Climatériques et Maritimes de la France*. Ouvrage redigé par La Société D'Hydrologie Médicale de Paris. Paris: Masson et Cie, Éditeurs, 1900.

estabelecimentos balneários, suas banheiras de porcelana, seus quiosques, praças, jardins, hotéis e cassinos, não poderia mesmo segurar as suas lágrimas ao desembarcar em Bagnères de Luchon. A modelação do indivíduo⁴ frente às práticas balneoterápicas que ele tentava instituir nos campos alagados de caldas seria agora vivenciada fora do seu pequeno gabinete de trabalho. O autocontrole das emoções, fator indispensável para o sucesso do tratamento terapêutico fazia parte dos formulários de águas minerais e de balneoterapia que se propagavam no interior da classe médica. Fazer uma cura dentro de uma estação balneária não era somente submeter-se à ação química das águas empregada sob as diversas formas de banhos, à inalação ou à água ingerida. Evidentemente, a influência mais importante, profunda e modificadora das emoções humanas diante de uma fonte mineral, foi a submissão aos fatores higiênicos, sendo os mais indicados: o repouso, o clima, o regime e os exercícios.⁵

Mas o médico também não ficaria indiferente à beleza e à magia da vida civilizada dos balneários europeus. Sua intenção era transformar

4. Os testemunhos de cura frequentes a partir da publicação das primeiras teses médicas sobre Hidrologia no Brasil foram primordiais para o estabelecimento de expressivas regras de comportamento onde a modelação do indivíduo frente às águas medicinais significaria a eficácia da cura pretendida. Chamados de *Regras de Higiene*, esses hábitos que foram instituídos juntamente com o *Modo de fazer uso das águas* e sua *Terapêutica* constituíram a tessitura de um discurso que apresentava sempre em uma mesma ordem uma já definida estratégia emocional de conhecimento e convencimento a respeito do uso das águas minerais. É o que nos mostra o seguinte exemplo: "Os doentes em geral, pensão que desde o momento em que os Médicos prescrevem Águas férreas, podem constituir-se árbitros de sua conducta, e não a tem mais do que beber, porque tudo irá bem: entretanto os efeitos benéficos das Águas ferruginosas só podem ter lugar com uma stricta observância das seguintes regras: 1. Abster-se de carnes escuras, ou salgadas, fructos ácidos, ou verdes; de licores alcoólicos; de goiabas, arazás, cajus, chá da Índia, e de todas as substancias vegetaes que contem tannino, ou acido gallico, que são incompatíveis com o ferro. Regrar a comida da maneira seguinte: Huma hora depois de ter bebido a Água, almoçar em pouca quantidade, substancias de fácil digestão, e não chá da Índia, nem tão pouco caffè ou chocolate, a menos de haver hum habito destes; jantar legumes, carnes brancas, como galinha, etc., etc., e hum calix de vinho; cear levemente, para que no dia seguinte o estomago esteja vasio, quando receber a Água. 2. O exercicio moderado a pé, ou à cavallo, he de imperiosa necessidade depois de beber-se a Água. 3. Abandonar os negócios, os trabalhos de espirito aturados; esquecer as paixões, e inquietações". Cf: 2.4: Relatos de cura: novos prazeres e desprazeres. In: MARRICHI, Jussara Marques Oliveira. *A cidade termal: ciência das águas e sociabilidade moderna entre 1839 a 1931*. Dissertação de mestrado apresentada ao curso de pós-graduação em História na área de Política, Memória e Cidade pelo IFCH/Unicamp.

5. De acordó com o médico francés, HARPE, Le Dr. de la. *Formulaire des eaux minérales*. De la Balnéothérapie et de l'hydrotherapie. Paris: Librairie J-B. Baillière et fils, 1894. p. 1

“o que é uma povoação de roça do interior, como se diz no Brasil, já o Dr. Zimmermann, no seu conhecido e bellissimo livro – *La Solitude*” (LE MOS, 1902, p. 181) – em uma estação balneária “como as da Europa que surgem do meio da verdura e das flores.” (LE MOS, 1902, p. 176)

NA FRANÇA/VICHY

E tudo se fez ao som da musica, tocada por orquestras admiráveis, compostas pelo menos de cinquenta professores, em meio do luxo, da riqueza, das arvores, da relva, das flores, das mais lindas mulheres do mundo, que espalham ao redor de si a graça e os mais delicados perfumes, de modo que o banhista perde sem sentir, embalado pelo som de uma musica celestial e, transportado para um mundo de sonhos e encantamentos sem fim. A estação balnear de Vichy é uma festa que se não acaba mais, e a vida maravilhosa daquelle arrebatador canto do planeta, póde auxiliar ou atrapalhar a ação therapeutica das milagrosas águas, si o banhista não ficar com o prumo na mão. (LE MOS, 1902, p. 133)

Ao percorrer durante oitenta e oito dias as principais cidades hidrominerais da Europa, de onde os espaços termais franceses estavam entre seus objetivos maiores, o médico ia relatando em seu diário de viagem, os dias, seus embarques, os encantamentos da vida civilizada, as músicas, a arquitetura dos balneários, dos hotéis e dos cassinos e a vida agitada de então. Poderíamos nos perguntar: e os doentes? O que ele realmente haveria presenciado das curas? É claro que o médico estava impressionado com a vida balneária francesa:

Ella me deu a revelação da vida em toda a belleza e feiura de suas múltiplas manifestações, e esta ideia nunca me foi possível colher nos livros, nos jornaes e nas revistas, escriptas sempre em francez, no silêncio e na paz do meu gabinete de trabalho, na risonha e bella Villa de Poços de Caldas. Fez-se necessário que eu fosse ao velho mudo e que me puzesse em contacto com a civilização moderna, praticada por povos e raças diversas, estudando e comparando e reflectindo, para que sentisse a vida e fosse verdadeiramente homem (...) (LE MOS, 1902, p.9)

Ao deixar nosso país com destino à Europa o médico sabia que não haveria tempo suficiente para acompanhar uma cura. Esta, segundo a Hidrologia Médica, dependia da “estação das águas”, que correspondia a uma permanência mínima de vinte e um dias nestes espaços onde se acreditava e enaltecia os efeitos benéficos das águas sobre a saúde. Desse

modo, os curistas deveriam submeter-se a vinte e cinco ou trinta banhos, sendo-os de *demora*, ou então, intercalados com os *suadouros*; podendo a estação prolongar-se por um tempo médio de sessenta dias. Aos doentes, recomendava-se que não saíssem “à rua senão depois de cessar a transpiração, aconselho a todos que se agasalhem, não apanhem chuva, sereno e umidade” (LEMOS, 1884, p. 48) e que “façam exercício a pé, moderado, depois de bebida a água, para facilitar a sua digestão” (LEMOS, 1884, p. 48). Sendo assim, ao acompanhar o diário de viagem de Pedro Sanches e vendo suas partidas e chegadas às estações hidrominerais (que tinham uma média de permanência de quatro dias) compreende-se que o médico não poderia testemunhar relatos de cura em sua viagem. Durante oitenta e oito dias ele havia percorrido as mais famosas estâncias hidrominerais europeias no intuito de relatar nas suas impressões de viagem o que era, e como deveria ser uma cidade termal no Brasil. Importava mais o espaço físico do que casos clínicos, afinal, em Poços de Caldas, ele mesmo já testemunhara que suas águas curavam. Sobre Baden-Baden e Wildban na Alemanha e Baden na Suíça, o médico ao fazer as suas descrições, relata em seu diário, tê-las enviado à Gazeta de Notícias por intermédio de Olavo Bilac. Já em terras mineiras ao reunir as suas experiências de viagem no livro *Notas de Viagem – Na Alemanha, Na França, Na Suíça* ele afirma que os artigos foram publicados, porém não informa o número e data da publicação. A obra encontrada atualmente no arquivo das Thermas Antônio Carlos em Poços de Caldas configura-se como o mais precioso relato histórico de um tempo em que as águas consideradas medicinais do final do século XIX e início do XX no Brasil estimulavam pesquisas científicas sobre a cura de diversas doenças pautadas na Química e na Física Moderna; capazes também de organizar a construção de espaços que se tornariam urbanos a partir dos anos vinte do século passado, modificando e instituindo novos hábitos em grande parte da sociedade brasileira.

Vê-se, portanto, que Pedro Sanches de Lemos, “o primeiro médico brasileiro” (BUTTER, 1942) a viajar pelas cidades termais europeias, contribuiu decisivamente para a construção da imagem moderna das cidades termais brasileiras logo no início do século passado. Os antigos tipos de sociabilidade que nada condiziam com o modelo conquistado pela civilização das águas europeias, modificaram-se e engrandeceram-se graças a essa primeira excursão científica realizada pelo médico que escrevia seus artigos conforme as cidades que visitava.

Apesar de seus esforços não chegou a ver na cidade de Poços de Caldas todas as suas anotações de viagens encomendadas por Campos Salles em 1901. Pedro Sanches de Lemos faleceu no ano de 1915 sem nunca ter visto em terras brasileiras imagens das cidades de curas europeias.

Suas *Notas de Viagem* que traduziram especialmente a maneira observada pelo médico de estar junto da sociedade elegante da época, a convivência entre doentes e veranistas, os seus signos de reconhecimento, os seus procedimentos de distinção, distrações, prazeres e obrigações foram primordiais para dar continuidade àquela luta travada por outros médicos no convencimento dos governos dos estados onde se achavam fontes de águas termais; especialmente, o governo mineiro, que teve importância primordial nas modalidades de fruição e invenção das cidades balneárias brasileiras.

No entanto, se em 1902 ao deixar os campos alagados das caldas para conhecer aquilo que era a moderna cidade termal europeia, o médico (graças às suas publicações) despertou o interesse das autoridades responsáveis pelo beneficiamento daquelas águas, em 1907, sob os cuidados do engenheiro Clorindo Burnier Pessoa de Mello, encarregado da fiscalização das obras da Companhia Termal de Poços de Caldas, já se observava a canalização da água, a rede de esgotos, os serviços de macadamização de ruas e o ajardinamento da praça e a canalização dos ribeirões. Alterações físicas que não se tratavam somente de simples melhoramentos nos estabelecimentos balneários, “mas de um plano completo e grandioso para a formação de uma estação balneária com todos os seus requisitos” (BARBOSA, 1907, p. 50), no país.

Os campos alagados citados inicialmente, após a viagem do médico já eram pensados de maneira a harmonizar o espaço físico por onde circulariam os diversos banhistas. Ao final de 1905, o número total de banhos termais chegara a “32.779” (BARBOSA, 1907, p. 60) aumentando para “36.046” (BARBOSA, 1907, p. 60) no ano seguinte. Poços de Caldas, contando apenas com um hotel, dois balneários e muitas ruas empoeiradas ia ganhando o título da futura estação de cura no Brasil.

É claro que a partir do final dos anos vinte, a cidade realmente alcança fama extraordinária. A estação das águas e a rede de sociabilidade ali vivenciada são descritas em contos nas páginas das principais revistas e jornais de circulação nacional, entre eles a *Fon-Fon*, o *Diário da Noite*

e a *Folha da Manhã*. Observa-se então, a partir desses veículos de comunicação um imaginário social descrito a partir das relações que poderiam ser encontradas numa cidade de águas termais. No entanto, para que essa participação fosse realmente condizente, os curistas e os veranistas precisavam também adornar o seu corpo com as últimas novidades dos vestuários franceses que eram demonstrados nas colunas dedicadas à elegância masculina e feminina. O corpo, reflexo do seu convívio exterior numa cidade termal, apontava por um lado para situações de distinção social e afirmação de uma identidade da classe burguês-industrial que se estabelecia naquele período a partir de elementos como dançar “as danças mais modernas” e a frequência de cassinos elegantes visitados “assiduamente pelas famílias da elite”. Por outro lado, instigava a curiosidade dos mesmos de seus pares sobre o tipo de doença que estaria encoberto atrás de tantos tecidos e veludos luxuosos:

E o moço? Indagaram. O moço era Eduardo, isso já se sabia desde a véspera, pelo telegramma que elle passára de S. Paulo pedindo commodos. Correram às janellas para vê-los. – lá iam elles claros, através da luz que ardia, muito juntos, seguindo ao acaso.

– Andam em viagem de núpcias, disseram.

E alguém logo insinuou com perversidade:

– Homem, isto de vir a Caldas um mez depois do casamento...Uhm!
(NETTO, 1925, p. 24)

APENAS, PANACEIA NACIONAL?

Evidentemente, a propagação do discurso terapêutico pelas águas em nosso país contou com a colaboração de médicos que moravam e clinicavam nos lugares onde haviam as fontes consideradas medicinais. Pode-se dizer que até o início dos anos de 1940, para cada local de fonte medicinal existia um médico responsável pela clínica e divulgação dessas águas. Seguindo o exemplo europeu, esses médicos viam-se na obrigação de escrever sobre os tratamentos realizados, as propriedades químicas e físicas das águas, as curas observadas, os divertimentos encontrados nos locais, a singularidade do clima e os melhoramentos necessários para transformar aqueles locais em modernas cidades balneárias a exemplo do que já existia na Europa. Cada qual teve o seu grau de importância ao descrever com certa fidelidade o que ora se passava nas cidades de cura

do interior do país. No entanto, se num primeiro momento, do final do século XIX até o início dos anos de 1920, podemos observar um aumento das teses de doutorado defendidas pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, nos anos trinta e quarenta esses estudos vão se tornando um tanto quanto escassos, apesar do grande esforço daqueles que permanecem com a organização de congressos e seminários nacionais. No final dos anos quarenta, a literatura nacional sobre as águas medicinais já não despertava o interesse da classe médica no geral, e de acordo com o Dr. Oliveira Fabrino, a sua importância não tinha sido devidamente compreendida. Na opinião do médico, esse fato era reflexo do exagero com que muitos médicos haviam apresentado as águas como panaceia nacional, o que teria gerado desconfiança e ceticismo nas águas medicinais. É claro, que por trás dessa breve afirmação, não se pode deixar de considerar o crescente esforço que muitos empregaram a partir dos anos 30 no intuito de oficializar e legitimar o discurso terapêutico pelas águas. Pode-se citar, por exemplo, o lançamento da *Revista de Hidrologia e Climatologia Médicas* que tem seu primeiro exemplar publicado no ano de 1931, a inauguração do primeiro espaço balneário construído em nosso país na cidade de Poços de Caldas, as edições da *Revista Brasileira de Crenologia*, os congressos sobre termalismo que aconteceram ao longo dos anos trinta e cadeira de Termalismo instituída na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte.

Uma obra importante para demonstrar essa relação de interesse e de desconfiança da cura pelas águas no meio médico em nosso país, que acontecia nos anos de 1940, intitula-se *Aspectos da Crenoterapia na Europa e no Brasil*. A obra, escrita pelo médico Antônio de Oliveira Fabrino em 1948, relata sua experiência de oito meses de estudos na Europa no ano de 1947, momento dedicado exclusivamente para a visita e anotação daquilo que ele aprendia nas mais diversas cidades balneárias. A publicação teve o apoio da Comissão Permanente de Crenologia, órgão vinculado ao Departamento Nacional da Produção Mineral, e instituída pelo Governo no segundo semestre de 1948. O objetivo dessa comissão era o de “zelar pela aplicação do Código de Águas Minerais, servir de ligação entre as questões de medicina e de engenharia no âmbito do Departamento Nacional da Produção Mineral e promover o racional aproveitamento das nossas fontes” (FABRINO, 1950, p. 13). Desse modo, a Comissão

escolheu para a sua primeira publicação oficial, as memórias de viagem do doutor Fabrino, que segundo o autor, “não se tratando propriamente de um livro” (FABRINO, 1950, p. 12), mas sim de um relatório enviado a Belo Horizonte, poderia “oferecer aos curiosos do assunto, especialmente aos médicos, uma série de informações, certamente úteis, sobre o que se faz presentemente na Europa e acerca de como é encarado lá o valor das águas medicinais” (FABRINO, 1950, p. 13).

Assim, após visitar as cidades balneárias da França, Itália, Espanha, Portugal, Tchecoslováquia e Bélgica, o médico voltava com algumas certezas incontestáveis: a primeira era de que havia uma “lacuna imperdoável” (FABRINO, 1950, p. 17) nos estudos brasileiros sobre as águas medicinais, fato que ele também observava na literatura americana; a segunda era que precisávamos popularizar o uso das águas medicinais no Brasil a exemplo do que já acontecia na Europa; sua terceira certeza trazia a afirmação de que o primeiro espaço balneário construído no Brasil superava em algumas características determinadas instalações visitadas, e por fim, a certeza de que era preciso transformar nossas cidades balneárias “em centros de pesquisa científica e controle de eficiência terapêutica” (FABRINO, 1950, p. 24).

É claro que nessa obra com duzentas e setenta e uma páginas, aparecem importantes contribuições sobre a organização desses espaços, os serviços prestados nos balneários, as inovações científicas e uma revisão bibliográfica daquilo que já havia sido estudado até então. No entanto, concentrarei minhas observações nos três itens acima para demonstrar esses dois momentos singulares da história das águas termais em nosso país: a primeira já relatada na emoção do médico Pedro Sanches de Lemos que sonhava em ver terras brasileiras imagens das cidades balneárias europeias; e esse segundo momento, quando nossas instalações já são consideradas superiores àquelas existentes no velho mundo segundo as memórias do médico Oliveira Fabrino.

NA ITÁLIA

Na península italiana, onde as fontes de águas minero-medicinais frias atingem o número de 700 fontes e de 300 fontes de águas termais, o que mais chamou a atenção do médico, foi a utilização das lamas terapêuticas. Chamadas de “fanghi” pelo crenólogo Messini, a lama era

composta por “quaisquer substâncias orgânicas que, convenientemente empastadas ou diluídas em água mineral, possam ser empregadas sob a forma de emplastos ou de banhos, com fins terapêuticos” (FABRINO, 1950, p. 30). Em Acqui, o médico observou o lago “Maggiore” ou “Vascone” com cerca de 300 metros quadrados e temperatura de 55 graus, de onde o lodo era colhido e depositado nos tanques próprios para esse fim, e pelos quais circulava a água sulfurosa. A “Vascone” era esvaziada de vez em quando para a obtenção de uma boa quantidade do “fanghi” e levado às pequenas “vasche”, ou lagos menores, de onde se tornava facial passá-lo “quase diariamente para os tanques-depósito, construídos nas imediações dos estabelecimentos termais” (FABRINO, 1948, p. 34). Em Acqui, o médico observou que o hotel e a seção de tratamento eram ligados para a comodidade dos hóspedes, e que essa seção dispunha de “uma dezena de camarins para a aplicação de lama e para os banhos” (FABRINO, 1950, p. 34). No estabelecimento termal denominado “Antiche Terme”, cada curista possuía um divã próprio dentro do seu camarim, que eram cômodos espaçosos e de bom aspecto:

(...) onde, para receber a lama, o doente se desnuda e se deita. Além do divã, tem uma banheira para imersão nas águas termo-sulfurosas, depois de uma pequena ducha individual de limpeza. Essa ducha é um chuveiro de pressão elegantemente disfarçado num dos cantos da peça, por trás de uma cortina de vidro fosco. (FABRINO, 1950, p. 34)

Porém, o médico faz a sua primeira observação quanto ao espaço balneário italiano e brasileiro:

As “Antiche Terme”, sendo um edifício bissecular, têm, entretanto, muito boa aparência, graças às reformas de bom gosto por que tem passado. O hotel não tem o ar moderno e agradável do Palace Hotel de Poços de Caldas, e nem a sua vastidão, mas agrada francamente aos turistas que aí aportam a passeio ou para tratamento. É vistosa a portaria e muito agradável o “hall” de recepção. As escadas e o elevador, os corredores largos e bem atapetados, os lustres bem ao estilo, os quartos amplos, mobiliados a gosto, tudo isto conquista e agrada um hóspede recém-chegado. Na frente e dos lados, fica o jardim de belas árvores e muitas flores, rico das sombras preciosas para o verão escaldante da Itália. (...) As seções de hidroterapia são imensamente mais modestas que as das “Thermas Antonio Carlos” e que as do “Quisisana Hotel” de Poços de Caldas. Isto se explica porque, realmente, a preocupação máxima em

Acqui é a “fangoterapia”, sendo necessário e secundário tudo mais. (FABRINO, 1950, p. 35-36)

Ao contrário de Pedro Sanches de Lemos, Fabrino não se encanta com os espaços balneários destinados para a prática dos banhos termais. O que lhe chama atenção fica ao fundo do estabelecimento termal: os tanques-depósito onde se armazenam o lodo com a água sulfurosa e de onde sobem para os andares superiores dos hotéis por um “monta-carga próprio, (...) dando-lhe talvez, a única impressão desagradável pelo mau aspecto que ostentam”. (FABRINO, 1950, p. 36)

Desse resíduo da água sulfurosa, (o lodo termal), aparece também nessa figuração social, o “fanghino”, profissional que aplicava a lama no doente. De acordo com o médico, era ele quem colhia, tratava e preparava a lama para o uso. Em Acqui havia um grande número de “fanhini” de várias gerações que se sucediam constantemente. Eles recebiam um ordenado fixo estabelecido pela Câmara do Trabalho que era uma organização nacional, acrescido das gorjetas que eram dadas pelos doentes. A “fangatura” exigia dentro dessa figuração social que o enfermo se desnudasse e se deitasse no divã apropriado, “de forro macio, cabeceira um pouco mais alta, lençol pardo impermeável por baixo, cobrindo depois, o corpo com outro lençol pardo e cobertor comum” (FABRINO, 1950, p. 38). O médico observava que terminado o tempo de aplicação, a maior parte da lama era extraída com a mão e voltava para o tanque onde repousaria por dois anos até a sua recuperação e novo emprego. Alertava, porém, que essa prática não era do conhecimento dos doentes que acreditavam no “material sempre novo e trazido do seio da terra pelas águas nascentes”. (FABRINO, 1950, p. 38)

Fabrino, entretanto, esclarece que segundo o professor Filippo Quaglia que o havia recebido, o preconceito “snob” contra as aplicações da lama estava sendo afastado em toda a Europa, pois os médicos estavam convencidos da excelência desse recurso terapêutico. E citando os benefícios psicológicos e físicos da aplicação da lama, Fabrino, um tanto quanto menos maravilhado que Pedro Sanches com as novidades que via e ouvia nas cidades balneárias, redigia suas notas na finalidade de trazer ao Brasil outras aplicações das águas consideradas medicinais e dos seus resíduos.

Com relação à popularização das águas, ele não refuta a ideia de que as estações de cura sempre foram privilégio das pessoas ricas. Porém, no momento em que escrevia, dizia ser indispensável considerar a crenoterapia uma “fase atual”, importante sob muitos aspectos, mas “especialmente por seu aspecto médico-social”. (FABRINO, 1950, p. 22)

Relata, portanto, que na Alemanha pré-nazista esboçaram-se providências no sentido de popularizar as curas termais. E observa como o governo nacional-socialista, o governo fascista italiano e o governo comunista russo cuidaram desse assunto. De acordo com o médico, surgiram sanatórios termais e climáticos, casas de hospedagem quase gratuita para os trabalhadores enviados por serviços médicos especiais e fundaram-se os institutos de hidroclimatismo para “controlar rigorosamente o funcionamento técnico e a assistência médica”. (FABRINO, 1950, p. 22)

No congresso internacional de hidrologia, reunido em 1947 na antiga Tchecoslováquia, já havia se reafirmado a conclusão de que no ponto de vista econômico-social, “a creno-climatoterapia oportuna e orientada é muito menos custosa que os danos causados à capacidade humana pela falta de combate aos desgastes por doenças e pelo próprio trabalho”. (FABRINO, 1950, p. 23)

Observa-se então, nesses dois olhares sobre as práticas de cura a partir das águas consideradas medicinais em nosso país, permanências, rupturas e mudanças no ponto de vista da aplicação terapêutica dessas águas e na relação estabelecida entre os homens, seu trabalho e o meio natural. Fabrino concorda com a visão de Pedro Sanches que as estações de cura devem antes de tudo, aparecer como “agradáveis salas de visita de seus países” (FABRINO, 1950, p. 23), afinal, era a classe mais abastada da população brasileira que contribuía para o imaginário social das estações das águas e que garantia o seu funcionamento econômico e social. Contudo, acreditava que as cidades balneárias não deveriam apenas ser somente isto:

Araxá, Poços de Caldas, Lindóia, São Pedro, Cipó e todas as outras deverão poder hospedar os homens abastados do Brasil e de fora. Eles deixarão ali, em troca de saúde, repouso e diversões, uma renda indispensável para o sistema econômico em que vivemos. Mas seria interessante que, dentro de algum tempo, surgissem também os sanatórios termais, cuja eficiência poderia ser controlada por um ou mais centros

superiores de hidoclimatismo, direta ou indiretamente ligados ao ensino de crenoterapia nas faculdades de medicina. (FABRINO, 1950, p. 23)

Apontando os resultados “mediócre” das pesquisas no Brasil, ele informava que em nosso país, já no final dos anos quarenta, ainda vivia-se uma fase de observação clínica isolada, amparada pelas orientações vindas da Europa. Destacava suas conversas com representantes da Turquia (Professor Nihad Resad), Iraque (Dr. Topous Khan), Palestina (Drs. Emil Adler e A. Karam) e Egito (Dr. Mahmoud Bassiouni) e citava como no México, em Cuba, Chile e Argentina os estudos de crenologia estavam montando modernas estâncias balneárias. A obra, portanto, valendo-se desses fatores aparecia no momento como um importante agente motivador de um médico que acreditava no poder curativo das águas medicinais, que trabalhava no mais importante espaço balneário brasileiro e que insistia frequentemente para o aumento de estudos científicos no campo da medicina termal. Por outro lado, sem que ele se desse conta disso, marcava o triste fim e a constante diminuição dos estudos sobre a cura pelas águas em nosso país.

CONCLUSÃO

De acordo com as memórias dos dois médicos pesquisados, pode-se dizer que as águas consideradas medicinais em nosso país sempre foram alvo de descrença por grande parte da classe médica. Foram poucos aqueles que estudaram e divulgaram suas propriedades físico-químicas, seus casos clínicos e também suas pesquisas científicas demonstrando onde se acertava e onde se errava nesse tipo específico de tratamento pelas águas. No entanto, para o Dr. Pedro Sanches e para o Dr. Oliveira Fabrino, as águas consideradas medicinais desde meados do século XIX, eram aquelas que se diferenciavam de águas comuns na própria composição química de sua natureza. Cientificamente, já havia sido provado que essa água para ser usada como agente medicinal, deveria revelar a ocorrência de elementos raros como o lítio, o vanádio, o enxofre e o iodo em proporções maiores às encontradas nas águas comuns. Dessa perspectiva, e levando em consideração outros fatores como a temperatura e as regras de higiene, os médicos fizeram das águas importante recurso terapêutico num momento em que em nosso país, a indústria

farmacêutica não era ainda popularizada. Dessas águas, desenvolveu-se uma figuração social específica, constituída por um contexto histórico singular, em que determinadas pessoas que frequentavam as estações das águas e os balneários (por exemplo: curistas, veranistas e médicos) estabeleciam entre si relações de interdependência e poder em seus relacionamentos. Basta citar, o controle social e o autocontrole das emoções dos indivíduos que se arriscavam a participar dessas estações de águas. Afinal, a medicina termal exigia uma rotina regrada e vigiada a todo instante para que a cura se realizasse. Esses médicos, e não seria justo dizer que foram os únicos a estudar e propagar a cura pelas águas em nosso país tornaram-se singulares pelo fato de que: Pedro Sanches é o primeiro deles a viajar para a Europa com o apoio financeiro do governo a fim de trazer os ensinamentos da hidrologia médica que se empregava no início do século XX. E também para descrever como deveria ser um espaço balneário próprio onde todas essas questões se resolveriam. Suas *Notas de Viagem* configuram-se como o primeiro relato de um médico que vai ao exterior para visualizar aquilo que só se conhecia pelos livros na nossa medicina. Oliveira Fabrino, revela-se importante nos anos quarenta a partir da publicação de suas anotações sobre esses oito meses de viagem com recursos próprios que ele empregou na Europa, com o objetivo de averiguar como a crenoterapia desenvolvia-se naquele momento. Com isso, acabou conquistando a primeira publicação oficial da Comissão Permanente de Crenologia, fundada no segundo semestre de 1948.

Por outro lado, não menos importante, foram os discípulos de Pedro Sanches, e também seus contemporâneos como os doutores: Jean Maurice Fraive que estudou Caldas Novas e Goiás, H. Monat que estudou Caxambu, Policarpo Viotti em Caxambu, Gabriel Pio da Silva na Prata, Francisco Tozzi em Lindóia, Renato de Souza Lopes (com a obra *As águas minerais do Brasil*), Carlos Pinheiro Chagas e Aristides de Melo e Souza que em 1926 viajaram para a Europa para trazer o modelo da moderna cidade balneária que se consolidou no espaço balneário de Poços de Caldas em 1931, Eurico Branco Ribeiro em Santa Clara, Mário Mourão, Alfredo Schaeffer, Adriano Ponde em Caldas do Cipó, Alexandre Giroto em Passa Quatro, Mário Magalhães e Andrade Júnior em Araxá, Francisco João Maffei em São Pedro e mais recentemente o Dr. Benedictus Mário Mourão em Poços de Caldas. Sem dúvidas, seria

impossível tratar todas essas memórias aqui. Porém, deve-se dizer que historicamente cada qual contribuiu significativamente com seus estudos ao se pensar como uma água antes desconhecida e cheirando a enxofre poderia curar feridas e trazer de volta a felicidade para seus pacientes. Para isso, todos eles criaram condições específicas para que o tratamento se desenvolvesse: modelaram costumes, emoções, definiram espaços urbanos, organizaram-se em associações, criaram congressos nacionais, simpósios e revistas especializadas que colocavam em primeiro plano a água considerada medicinal e sua atuação sobre o corpo humano. Dessa figuração social específica, fundou-se um contexto histórico permeado de sensações, sentimentos, lutas, vitórias e derrotadas criado a partir do contato do homem com um meio natural específico (as águas quentes). Consequentemente esse encontro gerou uma série de comportamentos que se constituíram em fenômeno histórico e dos quais apresentei uma pequena parte.

MEDICAL MEMORIES ABOUT THE BRAZILIAN AND EUROPEAN
THERMAL WATERS BETWEEN 1902 AND 1950: TRAVEL NARRATIVES
AND APPROPRIATION OF THE NATURAL ENVIRONMENT

Abstract: The thermal and sulphurous water, popularly known as medicinal water, investigated and studied from the point of view historiographic theme in Brazil is very recent. However, in its medical studies dating from the midnineteenth century and early decades of the twentieth century. The purpose of this paper is to present the historical relationship established between nature, working and memory in socializing spaces that were built and reworked to the emergency of a bourgeois class in Brazil in the first decades of last century. Thus, this close relationship of the natural environment tailored to urban and architectural innovations of the spa towns, I select to display some physicians' memories who were involved in the process adjustment in the natural of the purpose of constructions of spa towns in Brazil until the years 1950. Particularly, the presentation will focus on Dr. Pedro Sanches de Lemos diary written in 1902 and the first publication of the Standing Committee of Crenology. I intend to present some changes, continuity and intersection in this relationship historically constructed from human contact with this particular type of water considered medicinal.

Key-words: Thermal and sulfurous waters – diary of trip – physicians' memories.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Juscelino. Relatório apresentado ao governo de Minas em 31 de janeiro de 1907. São Paulo: Typ. Espindola & C, 1907.

BUTTER, Guilherme. Jornal “O Dia” – Curitiba, 19 de setembro de 1942. *Uma visita às regiões das fontes de águas milagrosas*.

CASTRO, Antonio Maria de Miranda. *Dissertação Inaugural sobre As Águas Mineraes Brasileiras, e em particular as da cidade do Rio de Janeiro*. These apresentada á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e sustentada em 7 de dezembro de 1841. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1841.

FABRINO, Antonio de Oliveira. *Aspectos da Crenoterapia na Europa e no Brasil*. Publicação n. 1. Comissão Permanente de Crenologia. Departamento da Produção Mineral. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1950.

FERREIRA, Luiz Otávio. Medicina Impopular – Ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840) In: CHALHOUB, Sidney (org.). *Artes e Ofícios de curar no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

HARPE, Le Dr. de la. *Formulaire des eaux minérales*. De la Balnéothérapie et de l’hydrotherapie. Paris: Librairie J-B. Baillière et fils, 1894.

LEMONS, Pedro Sanches de. *As águas thermaes de Caldas* (Província de Minas Geraes) – médico clínico nos Poços de Caldas desde 1873. RJ: Typographia Perseverança, 1884

LEMONS, Pedro Sanches de. *Notas de viagem*. Na Alemanha, na Suíça, Na França. São Paulo. Escola Typographica Salesiana. 1903.

LEMONS, Pedro Sanches de. *Águas thermaes de Poços de Caldas*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1904.

LOBO, Pelágio. *Dr. Pedro Sanches de Lemos*. O homem, o médico, o crenólogo. Monografia inédita. Maio de 1947.

MARRAS, Stelio. *A propósito de águas virtuosas* – Formação e ocorrências de uma estação balneária no Brasil. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

MARRICHI, Jussara Marques Oliveira. *A cidade termal: ciência das águas e sociabilidade moderna entre 1839 e 1931*. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Campinas, defendida em agosto de 2009. Disponível em:

MONAT, H. *Caxambu*. Rio de Janeiro: Luiz Macedo, 1894.

NETTO, Coelho. *Água de Juventa*. 3 ed. PORTO: Livraria Chardron, de Lélío & Irmão, Ltda. 1925.

Revista Médica Fluminense. Nº 9, dezembro de 1839, anno 5.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da cura*. Campinas: Editora da Unicamp, Cecult, IFCH.

Stations Hydro-Minérales. Climatériques et Maritimes de la France. Ouvrage redigé par La Société D'Hydrologie Médicale de Paris. Paris: Masson et Cie, Éditeurs, 1900.

SOBRE A AUTORA

Jussara Marques Oliveira Marrichi – doutoranda em História pela Unicamp

Recebido em 30/11/2012

Aceito em 30/12/2012